



Nem com uma flor - Maria Clara Bingemer

O ano que passou e que já vai longe no tempo foi pródigo em episódios de violência. Entre estes, a violência contra a mulher teve lugar nada desprezível. Em novembro de 2006, inconformado pelo que chamou de traição da ex-mulher, Cristina Ribeiro, o marido abandonado André Luiz Ribeiro da Silva a manteve sob a mira de um revólver das 8h às 18h20 dentro de um ônibus.

Cerca de 50 pessoas foram inicialmente mantidas reféns pelo homem, que ameaçava matá-la e suicidar-se. Felizmente tudo terminou sem mortes, mas com um horrível trauma para Cristina e para todos os reféns, que sofreram durante horas à mercê das paixões desatadas de André.

Em dezembro, a manicure Aglais Pereira de Oliveira foi morta a facadas pelo marido, inconformado com a separação. Tendo ido queixar-se à polícia, foi oferecido a ela o abrigo municipal para mulheres vítimas de violência. Aglais preferiu dar mais uma chance ao companheiro e perdeu a vida.

Entre os casos de Cristinas e Aglais, Marias e Joanas, ainda no mês de dezembro uma clamorosa injustiça dá testemunho do machismo que reina na avaliação dos números da violência. O jornalista Pimenta Neves, réu confesso do assassinato da namorada Sandra Gomide, foi condenado mas não preso. Voltou para casa.

A indignação dos familiares de Sandra e de todas as instituições que lutam contra a violência feita à mulher é compreensível. Trata-se de algo inexplicável que um homem que matou uma moça 30 anos mais nova, de forma premeditada, por motivo torpe, réu confesso, condenado pelo Tribunal do Júri, receba, seis anos depois, o benefício de continuar aguardando em liberdade o julgamento do recurso. Infelizmente, no entanto, ainda há muito que caminhar neste campo em nosso país.

No Brasil, pesquisa da Fundação Perseu Abramo revela que a cada 15 segundos uma mulher é agredida. Estima-se que mais de dois milhões de mulheres são espancadas a cada ano por maridos ou namorados, atuais e antigos. Por outro lado, os números sobre a incidência da violência contra a mulher no país contrastam com dados de recente pesquisa, que revelam um alto grau de rejeição à violência contra as mulheres.

Na pesquisa em questão, 82% dos entrevistados respondem não

Veja também:

Sugestão de pautas Como a violência doméstica contra as mulheres afeta as crianças?

Esta e outras sugestões de reportagens abordando fatos sobre a violência contra as mulheres que são pouco ou nunca tratados pela imprensa podem ser encontradas nesta seção.

Banco de Fontes

Se a pauta é violência contra a mulher, nesta seção você encontrará dados para contatar fontes fundamentais.

Quem diz e o que se diz

"A violência é tão corriqueira que muitos homens não a identificam. É uma geração que foi criada para não levar desaforo para casa."
Fernando Acosta, psicólogo.

"A violência não é natural. É um comportamento aprendido."
Marcos Nascimento, coordenador de projeto do Instituto Promundo.

Realização



Apoio: Fundação Ford

Onde você guarda
o seu Racismo?

existir nenhuma situação que justifique a agressão do homem a uma mulher. Além disso, 91% consideram muito grave o fato de mulheres serem agredidas por companheiros e maridos. Ao mesmo tempo, o velho ditado que afirma que "em briga de marido e mulher não se mete a colher" ainda tem boa aceitação (66%), reforçando a dupla moral e a cultura machista. Observa-se que há uma atitude mental e interior contrária à violência, mas não há um comportamento equivalente.

O processo de emancipação da mulher ainda provoca muita insegurança no homem. Como aquele ser frágil, dependente, de repente se arvora em ter idéias próprias, trabalhar fora, olhar para o lado? Esse que é um dos processos mais revolucionários da cultura contemporânea até hoje não conseguiu plena cidadania nos países latinos, entre eles no nosso.

A raiz do problema sendo social, a solução também deve sê-lo. Uma sociedade violenta só pode produzir seres humanos homens ou mulheres igualmente violentos. Quem usa de violência tem sua personalidade por ela configurada, quem sabe na infância, quem sabe por que tortuosos caminhos e experiências?

Em um ato violento, todos percebem que a vítima precisa de ajuda, mas poucos vêem esta necessidade também no agressor. As duas partes precisam de auxílio para promover uma verdadeira transformação na relação violenta em que vivem.

Não se defende aqui a impunidade e a negação do delito que deve ser sancionado. Mas, por outro lado, aparece claro que o problema é mais global do que pensamos. Enquanto não construirmos uma sociedade mais justa e pacífica em todas as suas dimensões, infelizmente não conseguiremos convencer os homens de que "em uma mulher não se bate nem com uma flor".

Maria Clara Bingemer é teóloga.
---Publicado no Jornal do Brasil, 29/01/07.